

Relações Familiares: A Percepção dos Filhos Adolescentes*

Maria Alexina Ribeiro

(Doutoranda UnB e membro Brasileiro de Estudos da Família - CEFAM)

Resumo

Ribeiro, M.A. Relações familiares: a percepção dos filhos adolescentes. **Estudos de Psicologia**, 9 (1): 27-42, 1992.

O objetivo do presente trabalho foi estudar o relacionamento familiar através da percepção que um grupo de adolescentes tem de seu relacionamento com os pais e do relacionamento conjugal destes. Analisou-se o grau de satisfação dos sujeitos a partir do relacionamento entre eles e seus genitores, de acordo com a avaliação que os primeiros fazem do relacionamento conjugal dos segundos. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. Os resultados mostraram que o relacionamento familiar é, em geral, satisfatório. A qualidade do relacionamento dos pais parece influenciar na maneira como os filhos adolescentes avaliam sua relação com os mesmos.

Palavras-Chave: relacionamento familiar, satisfação pessoal, análise de conteúdo.

Introdução

Segundo o modelo sistêmico, a família é um sistema que opera através de padrões transacionais, e possui diversos subsistemas. Os subsistemas conjugal e parental formado pelo casal, é considerado como o eixo das relações familiares. Da mesma forma que o sistema familiar participa de um processo de influência recíproca com outros sistemas (trabalho, escola, etc.), cada subsistema familiar influencia e é influenciado pelos demais subsistemas. Nenhum fato ou comportamento isolado ocasiona outro, mas cada um está vinculado, de forma circular, a outros fatos e comportamentos.

Estudos têm sido realizados com o objetivo de verificar como o relacionamento conjugal pode influenciar no relacionamento familiar como um todo e no desenvolvimento psicológico dos filhos. A partir do referencial teórico e da revisão bibliográfica sobre o tema, levantamos as seguintes questões:

- A insatisfação conjugal influencia negativamente na relação do casal com seus filhos?

* Pesquisa orientada pelo Professor Edson de Souza Filho, da Universidade de Brasília.

- A percepção que os filhos adolescentes têm do relacionamento conjugal de seus genitores influencia na forma como avaliam seu relacionamento com os últimos

- A existência de conflitos entre os cônjuges influencia negativamente na maneira como os filhos adolescentes avaliam o seu relacionamento com os pais?

Referencial Teórico: A Família

Usaremos, no presente trabalho, o conceito de família como sistema que opera através de padrões transacionais (Minuchin, 1982). O que se denomina teoria dos sistemas no terreno da Terapia Familiar consiste em uma série de conceitos originados da Teoria Geral dos sistemas e da Cibernética tendo como conceitos-chave a integridade, a regulação e a organização. As idéias centrais destes sistemas apoiam-se no pressuposto de que a totalidade é maior que a soma de suas partes; cada parte só pode ser compreendida dentro do contexto da totalidade; uma mudança em qualquer das partes afeta todas as demais, a totalidade se regula a si mesma por meio de uma série de circuitos de realimentação que se denominam circuitos cibernéticos. A informação vai e vem por estes circuitos a fim de ministrar estabilidade ou homeostase ao sistema. Estes conceitos de regulação e organização regulares, opostos à descrição individual e à explicação linear, têm sido o fundamento sobre o qual se apóia a terapia familiar.

A partir destes conceitos, presume-se que nenhum fato ou comportamento isolado ocasiona outro, mas que cada um está vinculado, de forma circular, a muitos outros fatos e comportamentos isolados. Considera-se que nenhuma pessoa tem um controle unilateral sobre nenhuma outra. Segundo Watzlawick e col. (1988) o comportamento de todo indivíduo, dentro da família, não é a soma das análises dos seus membros individuais (não-somatividade). Existem características do sistema, isto é, padrões de interação, que transcendem as qualidades dos membros individuais.

Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e estes padrões reforçam o sistema. Os padrões transacionais regulam o comportamento dos membros da família e são mantidos por dois sistemas de repressão: um é genérico e envolve as regras universais que governam a organização familiar; outro é idiossincrático, e envolve as expectativas mútuas dos membros específicos da família.

Segundo Calil (1987), o sistema da família nuclear participa de um processo de influência recíproca com outros sistemas humanos (a família

extensa, trabalho, escola, grupos religiosos, etc.) e pode ser considerado subsistema de um supra-sistema (a comunidade). Além disso, a família nuclear possui sua própria suborganização, os subsistemas. No interior da família nuclear encontramos os subsistemas dos pais, dos cônjuges, dos filhos e dos irmãos. Cada um possui tarefas específicas dentro da família. Cabe aos cônjuges funcionarem juntos no que concerne a tomar decisões, preencher necessidades de interdependência (amor, sexo, companheirismo, etc.) e como pais possuem outras funções: ensinar cuidados físicos, relações familiares etc.

O modelo sistêmico considera o subsistema conjugal como eixo das relações familiares. As relações entre os elementos da família oscilam, dependendo das alterações do relacionamento conjugal. Segundo Skynner (1979), a satisfação sexual do casal é muito importante para a harmonia familiar, e sobretudo as crianças são influenciadas pelo relacionamento conjugal. E Lowen (1988) sugere que a neurose infantil pode ser, invariavelmente, atribuída a desajustamentos sexuais e conflitos entre os pais.

A qualidade do relacionamento familiar e do relacionamento conjugal, e sua influência sobre o desenvolvimento dos filhos tem sido bastante estudada, principalmente por pesquisadores americanos. Alguns autores que têm pesquisado sobre as consequências do divórcio parental para o ajustamento dos filhos afirmam que o conflito conjugal que antecede, acompanha e, muitas vezes, continua existindo mesmo depois do divórcio, pode ser mais traumático do que a separação em si. Segundo eles, o evento legal é menos traumático para todas as pessoas envolvidas do que o "divórcio emocional" ou psicológico que, inevitavelmente, o precede (Block, Block & Gjerde, 1986; Swartzberg & Chalmers, 1983).

Wallerstein e Kelly (1980) afirmam que, há alguns anos atrás, era comum às pessoas continuarem casadas "para o bem dos filhos". Hoje, sabe-se que um casal infeliz deveria se separar "para o bem dos filhos", porque um casamento infeliz tem consequências negativas não só para o casal mas também para as crianças. Assim, o divórcio que traz alívio para o casal também beneficia os filhos.

Em um ambiente hostil, tenso e opressor, de um casamento cronicamente insatisfatório, os filhos podem ser alvo da irritação e frustração dos pais, segundo Maldonado (1987). Problemas de comportamento têm sido encontrados tanto em famílias onde houve separação ou divórcio, quanto em crianças de lares intactos, mas conflituosos (Emery, 1988). Outros estudos mostram que crianças de lares onde houve divórcio, caracterizado pelo conflito conjugal, estão mais propensas a problemas do que crianças de lares intactos e de famílias onde houve divórcio, mas são relativamente harmoniosas (Hetherington, 1972).

Chawla e Gupt (1979), em um estudo com pais e crianças hindus emocionalmente problemáticas, encontram alta relação entre problemas

emocionais dos pais e problemas dos filhos. Entre os hindus o divórcio não é comum, portanto, espera-se que existam casais com relações extremamente tensas, vivendo juntos e criando seus filhos.

Em um estudo realizado com adolescentes residentes em Brasília (Ribeiro, 1988), encontramos a separação conjugal influenciando de forma negativa o autoconceito dos filhos. Os adolescentes cujos genitores são separados tiveram escores mais baixos em quatro dos seis fatores do autoconceito estudados: segurança pessoal, atitude social, autocontrole e self ético-moral. Acreditamos que esta influência se deva a vários fatores como: a separação conjugal normalmente é antecedida e acompanhada de muito conflito; no processo de dissolução conjugal, os filhos convivem com agressões, chantagens emocionais e uma situação afetiva especial em relação aos pais; a separação não envolve somente o casal, mas toda a família participa e está envolvida; a separação pode representar um desequilíbrio, temporário ou duradouro nas estruturas hierárquicas da família.

Outro estudo (Ribeiro, 1989) realizado com 23 adolescentes cujos pais são separados, residentes em Brasília, mostrou que o conflito entre pais pode ser tão negativo para os filhos, que a separação pode ser vista por eles como uma forma de aliviar as tensões. Embora alguns adolescentes tenham se sentido muito tristes, 21,5% relacionaram, de forma positiva a separação com o fim das brigas em casa.

Lummertz e Biaggio (1986) realizaram uma pesquisa com adolescentes no Rio Grande do Sul, e mostraram que há uma correlação positiva entre o autoconceito e o nível de satisfação familiar, e ambos têm uma interferência significativa sobre o desempenho acadêmico do adolescente. Segundo os autores, os estudantes de sucesso são aqueles que têm uma opinião positiva sobre si mesmos e são otimistas com relação ao seu desempenho futuro, tendo confiança em sua capacidade acadêmica em geral. E toda tensão familiar e sua conseqüente falta de coesão e de afeto refletem-se na conduta de certos adolescentes, assim como influem no seu desempenho escolar.

Metodologia

Amostra

A amostra é composta de 150 adolescentes com idade média de 15 anos e 02 meses, sendo 69 (46,00%) do sexo feminino e 81 (54,00%) do sexo masculino. Todos residem no Plano Piloto de Brasília e são alunos do 1º e 2º Grau de escolas da rede particular de ensino. O número médio de irmãos é 2,40, e todos vivem com ambos os genitores. Quanto à profissão dos pais, 38,67% são profissionais liberais, 21,33% são bancários, 20,00% são funcionários públicos, 6,00% são comerciantes,

46,67% são militares, 2,00% são professores, 4,67% são aposentados e 2,66% deles não responderam. Enquanto 90,00% dos sujeitos consideram seus pais felizes, 10,00% acham que eles são infelizes. Para 32,67% o pai é mais feliz que a mãe, 26,67% acham que a mãe é mais feliz, 24,66% consideram que ambos são igualmente felizes. Aqueles que responderam que os pais não costumam brigar, representam 57,33%, enquanto 42,67% disseram que eles brigam. Destes, 2,00% disseram que os pais brigam diariamente, 7,34% brigam semanalmente, 2,00% brigam mensalmente e 88,66% brigam de vez em quando. Quarenta e dois sujeitos (28,00%) estiveram ou estão, ou têm um membro da família que já esteve ou está sendo atendido por psicólogo.

Instrumento

Foi utilizado um questionário contendo questões fechadas sobre o relacionamento entre pais e filhos e o relacionamento conjugal.

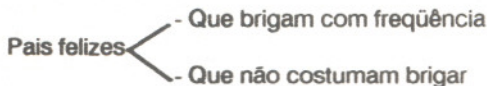
Procedimento

A aplicação do instrumento foi feita em 03 escolas particulares de 1º e 2º grau da Asa Norte de Brasília. Após o contato com a Direção da Escola, a fim de explicar o objetivo da pesquisa e conseguir autorização, os questionários foram respondidos, coletivamente, em sala de aula, em horário cedido pelos professores. Explicamos que os dados seriam conhecidos apenas pela pesquisadora e seu orientador e, em caso de publicação, nenhum dado que comprometesse a identificação das pessoas seria divulgado.

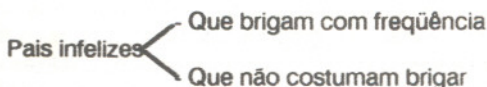
Análise dos Dados

Foi feita uma análise de conteúdo de cada resposta. Analisamos o grau de satisfação dos sujeitos com o relacionamento familiar de acordo com a percepção que eles têm da relação dos pais (se são felizes ou não, se costumam ou não brigar). Também foram analisados os aspectos positivos da família, através das respostas dadas à questão: "Do que você mais gosta em sua família?"

Os dados foram analisados de acordo com a seguinte divisão:

Pais felizes 

- Que brigam com frequência
- Que não costumam brigar

Pais infelizes 

- Que brigam com frequência
- Que não costumam brigar

Para verificar se as diferenças encontradas são estatisticamente significativas, aplicamos o teste qui-quadrado.

IV - Resultados

A tabela nº 01 mostra a avaliação global feita pelos adolescentes de seu relacionamento com seus pais, de acordo com a percepção que eles têm da relação conjugal. Aqueles que consideram os pais felizes e disseram que eles não costumam brigar, avaliaram seu relacionamento com os genitores de forma significativamente mais positiva (ao nível de confiança de 1%) do que neutra e negativa. Os que consideram os pais felizes, mas disseram que eles brigam com frequência, também avaliaram seu relacionamento com os mesmos de forma mais positiva (diferença significativa ao nível de confiança de 5%) mas menos positiva que o grupo cujos pais não costumam brigar. Enquanto 82,43% das respostas dadas pelos adolescentes, cujos pais não costumam brigar, revelam que seu relacionamento com os genitores é avaliado positivamente, 50,00% das respostas daqueles que disseram que seus pais brigam com frequência mostram que seu relacionamento com os mesmos é vista de maneira positiva. Também foi menor a porcentagem de respostas que revelam uma avaliação negativa de seu relacionamento com os pais, quando estes não costumam brigar (8,11%), do que aqueles que disseram que os pais brigam com frequência (38,46% das respostas). As diferenças encontradas entre as avaliações dos adolescentes que consideram seus pais infelizes não são estatisticamente significativas. Parece que o fato dos genitores brigarem, ou não, entre si, não influencia na maneira como os filhos adolescentes avaliam seu relacionamento com os pais, nesse grupo. As respostas que revelam uma avaliação neutra tiveram uma frequência relativamente baixa, aparecendo mais no grupo cujos pais são tidos como infelizes, embora não significativa estatisticamente.

A tabela 02 mostra o grau de satisfação que os adolescentes manifestaram quanto ao seu relacionamento com os pais, de acordo com a avaliação que eles fazem do relacionamento dos genitores (se são felizes ou infelizes e se costumam brigar). O grau 3 se caracteriza por temas como: excelente, muito bom, ótimo, etc. O grau 2 se refere aos temas: bom, aberto, harmonioso, etc. O grau 1 está relacionado com temas como: razoável, normal, amigável, etc. E o grau 0 se refere aos temas que demonstram insatisfação com o relacionamento pais/filhos, como: conflituoso, difícil, péssimo, etc. As diferenças encontradas são estatisticamente significativas (ao nível de confiança de 1%) apenas no grupo cujos pais são felizes e não costumam brigar. Neste grupo o grau 2 teve maior frequência de respostas (47,97%), e em seguida está o grau 3 com 34,46% das respostas dadas. Enquanto 50,00% das respostas dadas por aqueles que avaliaram seus pais como infelizes e que brigam com frequência (N=10) revelam um grau de satisfação 0, apenas 8,11% das respostas dos adolescentes que consideram seus pais felizes e que não costumam brigar (N=123) revelam o mesmo nível de satisfação (zero). Quanto ao grupo cujos pais são felizes, mas brigam com frequência (N=12), 38,46% das respostas revelam um grau de satisfação zero,

enquanto no grupo que considera os pais infelizes e que brigam com frequência (N=05) 50,00% das respostas dadas revelam o mesmo grau de satisfação. No grupo de adolescentes que consideram seus pais felizes e que não costumam brigar, à medida que vamos do grau zero para os graus 2 e 3, a tendência é aumentar a frequência das respostas. Com o grupo de pais infelizes, podemos afirmar que acontece o oposto.

Tab. 1 - Avaliação Global do Relacionamento com os Pais de acordo com a Percepção que os Filhos tem da Relação Conjugal

AVALIAÇÃO	Pais Felizes				Pais Infelizes			
	QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR		QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR	
	F	%	F	%	F	%	F	%
POSITIVA	13	50,00	122	82,43	03	30,00	06	33,33
NEUTRA	03	11,54	14	9,46	02	20,00	03	16,67
NEGATIVA	10	38,46	12	8,11	05	50,00	09	50,00
TOTAL	26	100	148	100	10	100	18	100
	N = 12		N = 123		N = 05		N = 10	

Tab. 2 - Grau de Satisfação com o Relacionamento com os Pais de acordo com a Percepção que os Filhos tem da Relação Conjugal

GRAU DE SATISFAÇÃO	Pais Felizes				Pais Infelizes			
	QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR		QUE BRIGAM COM FREQUÊNCIA		QUE NÃO COSTUMAM BRIGAR	
	F	%	F	%	F	%	F	%
3	05	19,23	51	34,46	01	10,00	02	11,11
2	08	30,77	71	47,97	02	20,00	04	22,23
1	03	11,54	14	9,46	02	20,00	03	16,66
0	10	38,46	12	8,11	05	50,00	09	50,00
TOTAL	26	100	148	100	10	100	18	100
	N = 12		N = 123		N = 05		N = 10	

Tab. 3 - Avaliação do Relacionamento com a Mãe e com o Pai

AVALIAÇÃO		RELACIONAMENTO COM A MÃE	RELACIONAMENTO COM O PAI
POSITIVA	F	16	03
	%	88,89	20,00
NEUTRA	F	-	01
	%	-	6,67
NEGATIVA	F	02	11
	%	11,11	73,33
TOTAL	F	18	15
	%	100	100

Tab. 4 - O que Você mais Gosta em sua Família?

SISTEMAS CATEGORIAIS DE SIGNIFICADO	PAIS FELIZES		PAIS INFELIZES	
	F	%	F	%
DINÂMICA DA FAMÍLIA	80	45,72	04	26,66
ASPECTOS AFETIVOS	32	18,29	02	13,34
MEMBROS DA FAMÍLIA	25	14,29	01	6,66
ASPÉCTOS ÉTICO-MORAIS	18	10,28	03	20,00
SITUAÇÕES DE LAZER	06	3,43	02	13,34
ASPECTOS UTILITÁRIOS DA FAMÍLIA	07	4,00	-	-
CONCEPÇÃO MÍSTICA	02	1,14	-	-
OUTROS	05	2,85	03	20,00
TOTAL	175	100	15	100

Além de avaliar o seu relacionamento com os pais (pai e mãe), alguns adolescentes fizeram também uma avaliação do relacionamento com o pai e com a mãe, separadamente. Por exemplo: "Com minha mãe é legal, mas com o pai é difícil", "É mais aberto com meu pai", "Converso muito com minha mãe, converso pouco com meu pai", "Só gosto do meu

pai como pai, não muito como amigo. Da minha mãe gosto dos dois modos". As avaliações que os adolescentes fizeram do relacionamento com a mãe foram mais positivas (88,89% das respostas) do que negativas (11,11%) ou neutras (diferença significativa ao nível de confiança de 1%). As avaliações que fizeram do relacionamento com o pai foram significativamente mais negativas (73,33% das respostas) do que positivas (20,00%) ou neutras (6,67%) ao nível de confiança de 1%. Todos os atributos usados pelos adolescentes para se referir à mãe foram positivos (super legal, carinhosa). Quanto ao pai, 85,71% dos atributos são negativos (fechado, ausente, chato, tradicional) e apenas 14,29% são positivos (aberto), uma diferença significativa ao nível de confiança de 5%. Avaliados em conjunto, parece haver uma tendência em usar atributos positivos como: compreensivos, liberais, super legais, amigos, um barato (diferença significativa ao nível de confiança de 1%). A porcentagem de atributos positivos usados para se referirem aos pais (63,33%) é maior do que a porcentagem de atributos positivos usados para se referirem ao pai (14,29%), mas é maior que os relacionados à mãe (100%). Não apareceram atributos com conotação neutra.

A Tabela nº 04 mostra os sistemas de significado relativos à questão: "Do que você mais gosta em sua família?". As diferenças encontradas no grupo de Pais Felizes são significativas ao nível de confiança de 1%. As diferenças encontradas no grupo de Pais Infelizes não foram significativas estatisticamente. Em ambos os grupos, a categoria que teve maior frequência foi Dinâmica da Família (45,72% das respostas dos adolescentes que consideram os pais felizes e 26,66% das respostas daqueles cujos pais são considerados infelizes). Esta categoria reúne temas como: união, relacionamento, comunicação, etc. Em segundo lugar, está a categoria Aspectos Afetivos com 18,29% no primeiro grupo e 13,34% no segundo, com os temas: amizade, amor, carinho, dedicação. A categoria Membros da Família aparece em terceiro lugar. Alguns adolescentes citaram alguns dos membros da família como sendo o de que mais gostam em suas famílias, e destes, que foram 26 sujeitos, 26,93% se referiram a irmãos, 19,23% ao pai, 19,23% a mãe, 15,37% aos pais, 7,69% disseram gostar de "todos". Um adolescente (3,85%) disse gostar dos primos pequenos, um (3,85%) disse gostar de si mesmo, e outro (3,85%) disse que gosta de sua cachorrinha.

A categoria Aspectos Ético-Morais reúne temas como: honestidade, lealdade, respeito, sinceridade, confiança. Estes temas apareceram com maior frequência (20,00%) no grupo cujos pais são considerados infelizes. A categoria Situações de Lazer, com os temas diversões, férias, reuniões, finais de semana e viagens, também aparece com maior frequência neste grupo (13,34%). Os temas que formam a categoria Aspectos Utilitários da Família são: casa, ambiente, conforto, mesada e situação financeira da família. Estes temas só apareceram no grupo cujos pais são considerados felizes. É interessante observar que, no grupo de adoles-

centes cujos pais são considerados infelizes, o número de respostas dadas coincide com o número de sujeitos (N=15). Os sujeitos daquele grupo (Pais Infelizes) citaram apenas um ponto positivo da família, do qual mais gostam, enquanto vários sujeitos do grupo de Pais Felizes citaram mais de um aspecto.

Quanto à frequência com que, os pais brigam, as diferenças encontradas no grupo cujos pais são considerados felizes são estatisticamente significativas, enquanto as diferenças encontradas no outro grupo não são. Nos dois grupos, a maioria dos genitores costumam brigar "de vez em quando". Dos três sujeitos que afirmaram que os pais brigam diariamente, 02 disseram que eles são infelizes. Dos 11 pais que brigam semanalmente, 09 (81,81%) são considerados pelos filhos como felizes e 02 (18,19%) os consideram infelizes. Dos 03 que brigam mensalmente, 02 estão no grupo de Pais Felizes. Dos 122 sujeitos que afirmaram que seus pais brigam de vez em quando, 91,80% os consideram felizes e 8,20% os consideram infelizes.

V - Discussão dos Resultados

Os resultados do presente estudo mostram que os adolescentes, de maneira geral, avaliaram o relacionamento familiar (pais/filhos e pai/mãe) de forma positiva. A atitude neutra apareceu com baixa frequência, ou seja, ao falar de suas famílias, os sujeitos tenderam a expressar sentimentos e emoções. Os adjetivos usados com maior frequência pelos adolescentes, para avaliarem o relacionamento entre eles e seus pais, foram Bom (F=36), ótimo (F=28) e Muito Bom (F=27). O relacionamento dos pais também foi visto pela maioria como satisfatório, uma vez que 90,00% dos adolescentes consideram seus pais felizes.

Avaliados separadamente, o relacionamento com a mãe foi mais positivo do que o relacionamento com o pai. Com a mãe, o relacionamento é "melhor do que com o pai", é aberto, solto, há mais diálogo, ou seja, ela é como se fosse "uma irmã mais velha" ou "amiga". Já com o pai, é uma relação de "respeito", pouco amigável, o diálogo é mais difícil, não há muita liberdade. O pai é mais fechado, ausente e "chato", enquanto a mãe é "carinhosa" e "super legal". Essas diferenças podem refletir uma dicotomia que ainda parece existir em nossa sociedade: a mulher é mais afetiva, empática, e o homem frio e racional. Conseqüentemente, a mãe é quem dá afeto aos filhos, é compreensiva, enquanto cabe ao pai a autoridade, colocação de limites e a imposição de normas sociais. Essa estereotipia, que vemos com frequência em famílias de nossa convivência, e também nos consultórios, é a causa de muitos problemas e dificuldades relacionados com a divisão dos papéis entre homens e mulheres, criação de hábitos e atitudes, que vão se reproduzindo através das gerações, pois os pais são os principais modelos para seus filhos.

É interessante notar que algumas respostas dadas pelos adolescentes, as preocupações reveladas e o vocabulário utilizado, são bastan-

te característicos da faixa etária à qual pertencem. Expressões como "Nosso relacionamento é lindo, gostoso", "Meus pais são super-legais", "Eles são um barato!", "Meus pais são podadores", são, normalmente, usadas por adolescentes. E a preocupação com o diálogo, a liberdade, o lazer, o companheirismo dos pais, também parece ser típica desta fase do ciclo vital. Não foram raras as respostas como: "Minha mãe é mãe e amiga", "Ela não é minha confidente", "Meu pai é só pai", "Minha mãe é como se fosse minha irmã mais velha".

Quando perguntamos aos adolescentes do que eles mais gostam em suas famílias, a **união** é o tema que aparece com maior frequência (46 vezes) seguido de **amizade** (15 vezes) **amor** (11 vezes) e **sinceridade** (10 vezes). Estes temas também aparecem com alta frequência em outro estudo que realizamos com 130 estudantes universitários com idade entre 17 e 51 anos, residentes em Brasília. Os adolescentes deram respostas mais variadas, que foram agrupadas em 08 categorias diferentes, enquanto as respostas dos estudantes universitários foram agrupados em 03 categorias. De modo geral os aspectos valorizados pelos dois grupos são os mesmos. Os temas relacionados com os aspectos ético-morais são citados com maior frequência pelos adolescentes ($F=21$) do que pelos estudantes universitários ($F=05$). Estes não citaram membros da família, o que os adolescentes fizeram com frequência.

Outro ponto comum que encontramos entre esses dois grupos é que ambos avaliaram o relacionamento familiar de forma positiva, sendo que as atitudes neutras e negativas aparecem com menor frequência.

A questão da "união e harmonia" da família, como ponto positivo, aparece com alta frequência nos dois grupos. Como afirmamos no estudo anterior, a união, harmonia e amor parecem estar interligados, caracterizando a família como grupo coeso e mostrando como é importante a "unidade familiar". A busca dessa união pode envolver verdadeiros sacrifícios por parte dos indivíduos e de todo o sistema familiar. A individualidade dos seus membros pode ficar prejudicada, desde que a unidade seja preservada, e o consenso garantido.

A comunicação entre pais e filhos parece ser um ponto considerado como importante para os adolescentes. Ela foi mencionada 41 vezes, sendo 24 vezes de forma positiva e 17 vezes de forma negativa. Isso pode mostrar que a comunicação com os pais acontece sem problemas para a maioria dos adolescentes que participaram da pesquisa. Sabemos que muitos pais têm dificuldade de se comunicarem com os filhos adolescentes por vários motivos. Nesta faixa etária os filhos começam a questionar a autoridade dos pais, os valores, normas e limites que eles querem lhes impor. Os pais, que eram respeitados pelas crianças como sábios e poderosos, agora são questionados, o seu saber passa a ser relativo e muitos são até ridicularizados pelos filhos adolescentes. Além disso, o vocabulário usado por muitos são verdadeiros dialetos, que tornam a comunicação entre os filhos adolescentes e seus pais ainda

mais difícil. Não é raro ouvirmos queixas do tipo: "Meus pais não me entendem" e "Meu filho está muito estranho".

Os irmãos são citados por 07 adolescentes como membros da família de quem gostam mais, o que pode ser um indicador de que existe um bom relacionamento entre eles. Em algumas famílias, devido à maneira diferenciada com que os pais tratam os filhos, pode haver fortes competições entre eles, com ciúmes e uma verdadeira luta pela atenção e preferência dos pais, criando um ambiente familiar tenso e hostil.

Para verificar se a percepção que os filhos adolescentes têm da relação conjugal de seus genitores influencia na maneira como eles avaliam o seu relacionamento com os pais, comparamos as respostas de cada grupo. Os adolescentes foram divididos em quatro grupos: aqueles que consideram seus pais felizes e estes não costumam brigar; os que consideram seus pais felizes e estes brigam com frequência; os que consideram seus pais infelizes e estes não costumam brigar; os que consideram seus pais infelizes e estes brigam com frequência.

Dos 4 grupos, o que avaliou o relacionamento entre pais e filhos de forma mais positiva e menos negativa foi aquele cujos adolescentes consideram seus genitores felizes e estes não costumam brigar. Esse resultado pode significar que, quando há um relacionamento satisfatório e harmonioso entre os cônjuges, o relacionamento entre eles e seus filhos também será satisfatório e harmonioso.

Os adolescentes que consideram seus pais felizes, mas estes brigam com frequência, também avaliaram o seu relacionamento com os genitores de maneira mais positiva do que negativa. Porém, comparados com o grupo cujos pais não costumam brigar, a porcentagem de avaliações negativas é maior. Essa diferença pode ser um indicador de que, quando os pais são considerados felizes, o fato de brigarem com frequência influencia negativamente na maneira como os filhos vêem o seu relacionamento entre eles e seus genitores. Ou seja, o conflito conjugal entre casais considerados por seus filhos como felizes, influencia de forma negativa o relacionamento entre pais e filhos.

Quanto ao grupo de adolescentes que consideram seus pais infelizes, parece que o fato de haver ou não brigas com frequência entre os genitores não influencia na maneira como os filhos avaliam o seu relacionamento com os pais. A porcentagem de avaliações positivas e negativas é praticamente igual nos dois grupos (pais que brigam com frequência e pais que não costumam brigar). Embora as diferenças encontradas no grupo de Pais Infelizes não sejam estatisticamente significativas, comparado com o grupo de Pais Felizes, o primeiro teve avaliações mais negativas e menos positivas do que o segundo. Ou seja, os adolescentes cujos pais são felizes avaliaram o seu relacionamento com os genitores de forma mais positiva e menos negativa do que os adolescentes que consideram seus pais infelizes.

Quanto à influência do conflito conjugal, ela parece estar presente apenas no grupo de adolescentes que consideram seus pais felizes. No grupo de Pais Infelizes, o fato de brigarem ou não, não parece influenciar na forma como os filhos adolescentes avaliam as relações pais/filhos. Poderíamos afirmar que se o casal é feliz, ou seja, seu relacionamento é insatisfatório e seus membros vivem insatisfeitos um com o outro, o fato de brigarem é visto pelos filhos como natural? Ou seja, se são infelizes é normal que haja conflito entre eles, e este conflito não interfere na maneira como os filhos avaliam suas relações com os pais.

No grupo de Pais Felizes o fato de haver brigas com frequência parece influenciar na forma como os filhos vêem as relações pais/filhos. Poderíamos afirmar que se o casal é feliz, ou seja, seu relacionamento é satisfatório, as brigas podem aparecer, aos olhos dos filhos, como ameaça tanto ao sistema conjugal, quanto ao sistema familiar? E essa ameaça teria um efeito negativo sobre a avaliação que os filhos fazem da sua relação com os pais?

O número médio de irmãos dos adolescentes que participaram da pesquisa foi praticamente o mesmo nos dois grupos. No grupo de Pais Felizes a média foi 2,38%, enquanto no grupo de Pais Infelizes foi de 2,46%. Isto invalida uma possível hipótese de que a extensão da família poderia influenciar na qualidade do relacionamento entre seus membros. Um estudo de Hagestad (1986) mostra que há evidências de que famílias grandes e pequenas constituem contextos qualitativamente diferentes de desenvolvimento. Segundo o autor, as crianças de famílias pequenas recebem mais atenção dos pais do que crianças com grande número de irmãos, e, pesquisas recentes têm mostrado diferenças no desenvolvimento intelectual e na performance escolar.

A porcentagem de adolescentes que têm alguma pessoa da família, ou ele próprio, que já esteve ou está sendo atendido por psicólogo foi de 28,00% na amostra geral. No grupo cujos pais são considerados felizes, esta porcentagem foi de 26,66%, e no grupo cujos pais são considerados infelizes, 46,67% dos adolescentes responderam que alguma pessoa da família já esteve ou está sendo atendida por psicólogo. Em um estudo que realizamos com 60 adolescentes, residentes em Brasília, da mesma faixa etária e situação sócio-econômica, mas cujos pais são separados (Ribeiro, 1988), 61,67% dos sujeitos tinham pessoas da família em atendimento psicológico. Este dado poderia indicar que as famílias que enfrentam problemas em decorrência de conflito conjugal e de separação do casal têm dificuldades em resolvê-los, e, por isso, procuram ajuda terapêutica. Esta porcentagem pode ser menor ou maior em se tratando de amostra de situação sócio-econômica e região do país diferentes. Não podemos perder de vista o fato de que os adolescentes que participaram do presente estudo pertencem à classe média-alta de Brasília. E sabemos que esta é uma classe que, pelo nível de esclarecimento e poder aquisitivo, tem maior acesso ao atendimento psicológico.

VI - Conclusões

Nossas questões foram parcialmente respondidas. Os resultados do presente trabalho mostram que o relacionamento dos adolescentes com seus genitores e o relacionamento conjugal destes são, na maioria, satisfatórios. A qualidade do relacionamento dos pais parece influenciar na maneira como os filhos adolescentes avaliam sua relação com os mesmos. Aqueles cujos pais são felizes avaliam de maneira mais positiva a relação pais/filhos. E os que consideram seus pais felizes e não há brigas freqüentes entre eles, avaliam a relação pais/filhos mais positivamente do que os adolescentes cujos pais são considerados felizes mas brigam com freqüência. O fato de brigar com freqüência tem influência negativa neste grupo sobre a percepção que os filhos têm da relação deles com os pais.

Quanto ao grupo de adolescentes que consideram os pais infelizes, os resultados não são estatisticamente significativos, e a amostra é bastante pequena, portanto, os dados obtidos são apenas ilustrativos. Mas se compararmos os dois sub-grupos (pais infelizes que brigam com freqüência e pais infelizes que não costumam brigar), observamos que praticamente não há diferença, o que mostra que, quando os filhos consideram os pais infelizes, o fato de brigarem ou não, não influencia na forma como eles (filhos adolescentes) avaliam as relações pais/filhos. E esta avaliação é mais negativa, mais neutra e menos positiva do que a avaliação feita pelo grupo de adolescentes que consideram os pais felizes.

Os aspectos positivos da família que foram citados com maior freqüência foram a união, amizade, amor e sinceridade, temas encontrados em estudo realizado anteriormente com um grupo de faixa etária diferente, mas também residente em Brasília. Poderíamos formular a hipótese de que a família brasileira, em geral, valoriza a união, amizade, amor e sinceridade que existem entre seus membros. Mas, para testar nossa hipótese, teríamos que trabalhar com uma amostra representativa de todas as regiões do país.

Os resultados aqui apresentados poderão ser expandidos por pesquisas com amostras maiores, de diferentes faixas etárias e classes sociais, e também por estudos longitudinais que possibilitem uma avaliação mais acurada das influências que o relacionamento conjugal tem sobre as relações familiares como um todo.

Summary

Ribeiro, M.A. Familiar relationships: the adolescent son and daughter's perception. **Estudos de Psicologia**, 9 (1):27-42, 1992.

The present research aimed to study family relationships through the teenager's perception about their relation with their own parents and their parents' relationship. The satisfaction rate demonstrated by the subjects as for the relationship with each other as well as with their mothers and fathers, was analyzed according to their private evaluations of the above mentioned matrimonial relationship. Concerning the methodology, a content analysis was employed. The results showed that both relationships might be considered satisfactory in most of situations involved. Furthermore, father and mother own relationships quality seems to influence the way their offsprings usually evaluate their own relationship with their parents during adolescence period.

Key-words: familiar relationship, personal satisfaction, content analysis.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- Block, J.H.; Block, J. e Gjerde, P.G. (1986). The Personality of Children Prior to Divorce: A Perspective Study. **Child Development**, 57, 827-840.
- Calil, V.L.L. (1987). **Terapia Familiar e de Casal**. São Paulo: Summus Editorial.
- Chawla, P.L. e Gupt K. (1979). A Comparative Study of Parents of Emotionally Disturbed and Normal Children. **British Journal of Psychiatry**, 134, 406-411.
- Emery, R.E. (1980). Interparental Conflict and the Children of Discord and Divorce. **Psychological Bulletin**, 92, 310-330.
- Hetherington, E.M. (1972). Effects of Father Absence on Personality Development in Adolescent Daughters. **Developmental Psychology**, 2, 313-326.
- Lowen, A. (1988). **Amor e Orgasmo**. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- Lummertz, J.G. e Biaggio, A.M.B. (1986). Relação entre Autoconceito e Satisfação familiar em Adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 38, 158-166.
- Maldonado, M.T. (1987). **Casamento: Término e Reconstrução**. Petrópolis: Editora Vozes.
- Minuchin, S. (1982). **Famílias - Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Ribeiro, M.A. (1988). O Autoconceito de Adolescentes Segundo o Sexo e a Estrutura Familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 4 (2), 85-95.
- Ribeiro, M.A. (1989). Separação Conjugal: O que os Filhos Acham e Como se Sentem? **Estudos de Psicologia**, 6(2), 25-40.
- Ribeiro, M.A. (1990). **Representação Social da Família**. Pesquisa realizada sob orientação do Prof. Edson de Souza Filho, da Universidade de Brasília.
- Skygger, A.C.R. (1979). **Pessoas Separadas - Um Só Corpo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Swartzberg, L.; Schmukler, D. e Chalmers, B. (1983). Emotional Adjustment and Self-Concept of Children from Divorced and Nondivorced Unhappy Homes. **The Journal of Social Psychology**, 121, 305-311.
- Wallerstein, J.S. e Kelly, J.B. (1980). California's Children of Divorce. **Psychology Today**, 13, 67-76.
- Watzlawick, P.; Beavin, J.H. e Jackson, D.D. (1988). **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Editora Gultrix Ltda.